

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E DO SABER-FAZER NAS IGS

Roberta Barros Meira

rbmeira@gmail.com

Fazer o filho o que o pai fazia, seguir-lhe a rotina era conselheiro de sabedoria que um a outros transmitia; assim viveram os nossos antepassados, assim fizeram fortuna, assim foram felizes: por que abandonar a rotina seguida? Os maquinismos custavam dinheiro, para que comprá-los? As máquinas desconcertavam-se e eles não sabiam concertá-las, para que adquiri-las?

BARCELLOS, Domingues Alves (Barão de). A crise do açúcar: ligeiras considerações pelo Barão de Barcellos. Campos: Lit. e Tip. de Carlos Hamberger, 1887, p. 12-13.



[Associação Joinvillense de Agroindústrias Artesanais Rurais - AJAAR](#)

Diz mais a comissão: atrasados por falta de instrução e recursos, ou por amor a rotina. Já tive muitos não apoiados no dia 26 de agosto quando falei a favor da rotina. Pode entender pela palavra rotina duas coisas diferentes: primeiro, certos processos velhos de que alguém não se quer separar, embora haja outros melhores: está é a má rotina: em segundo lugar, e é nesse sentido que a defendo, certas práticas, usos e processos adotados, em favor dos quais se pronunciou a experiência (...) essa rotina é o resultado da experiência de trezentos anos.

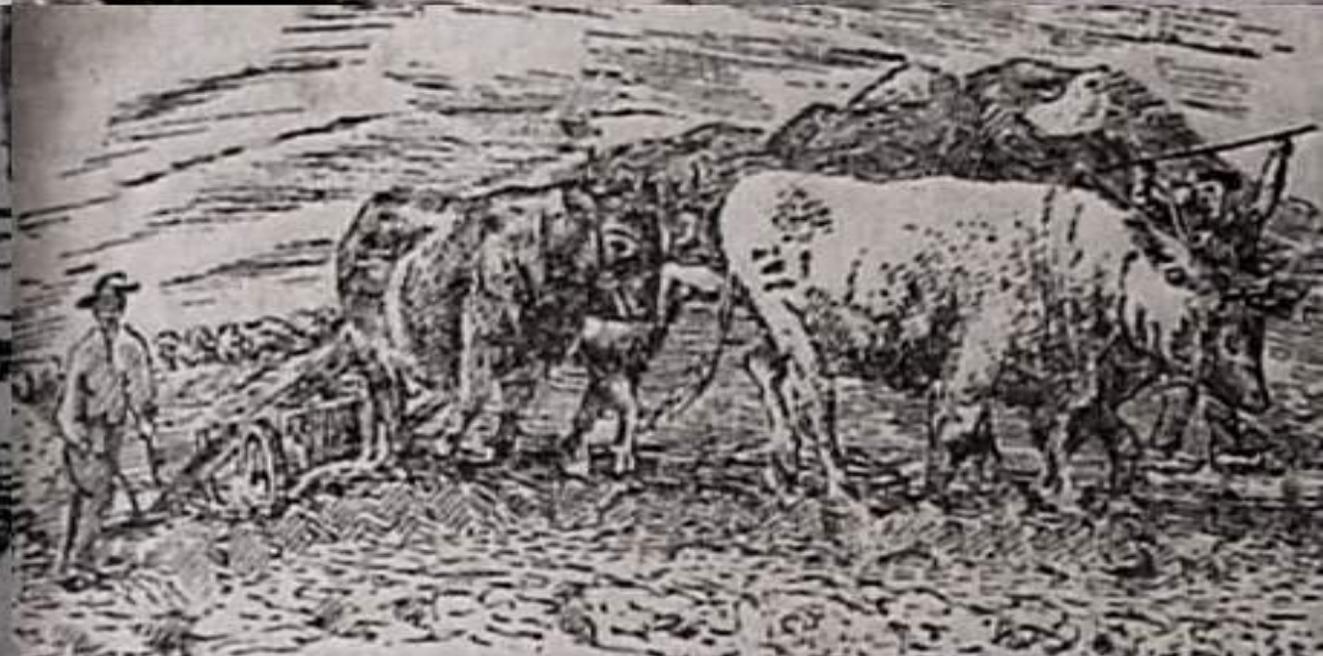
SAAP. Trabalhos do congresso agrícola do Recife: em outubro de 1878. Compreendendo os documentos relativos aos fatos que o precederam pela Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco. Recife: Tip. de Manoel Figueiroa de Faria & Filhos, 1879, p. 130.

O banguê ainda hoje é uma realidade. Como cogumelos espalham-se os banguês. Esta estatística computa os engenhos registrados no IAA até outubro de 1935, não sendo exagerado o cálculo num total de 40.000 fábricas rudimentares, sendo 280.000 o número de engenhos banguês e de rapadura. Consequência da morosidade de nossa evolução industrial. (...) Outro aspecto digno de estudo é a distribuição por capacidade de produção anual, onde cerca de 200.000 banguês têm capacidade inferior a 250 sacos. Assim, com capacidade até 50 sacos anuais, 14.842; de 50 até 200 sacos, 2.629; de 150 a 200 sacos, 1.804; e de 200 a 250 sacos anuais, 370 engenhos. E a produção dessas engenhocas e engenhos banguês é de cerca de 25% da produção de açúcar de usina no Brasil.

DÉ CARLI, Gileno. Aspectos de economia açucareira. Rio de Janeiro: Editores Irmãos PONGETTI, 1942, p.63-68.



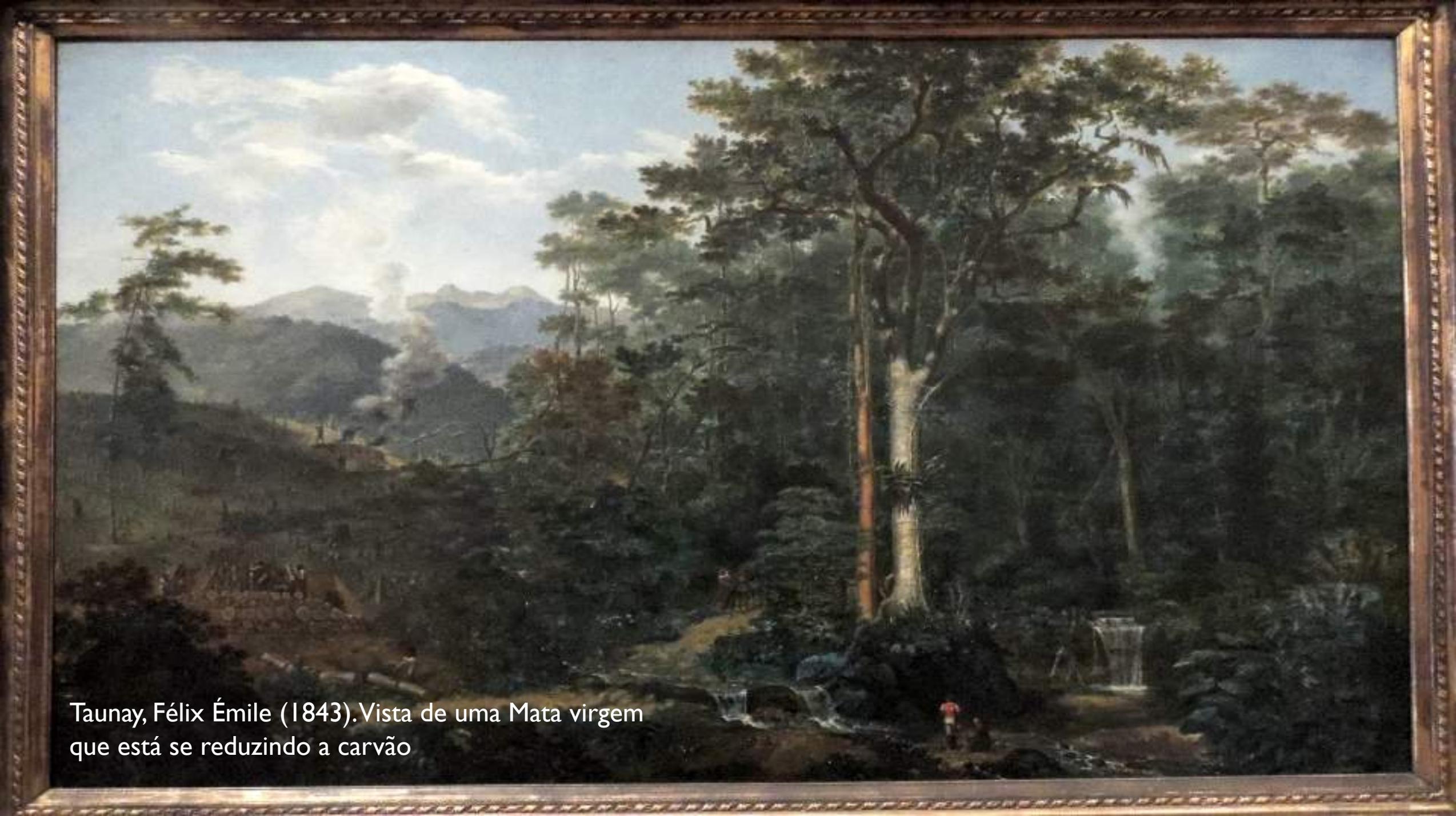
**Benedito Calixto. Moagem da Cana na Fazenda Cachoeira,
em Campinas - 1920**



Fonte: capas da revista *A Lavoura*; do *Jornal do Agricultor*; *Jornal dos Agricultores* e a capa da tradução do livro de Leonard Wray. *O lavrador prático da cana de açúcar*. Bahia: Tip. de Camillo de Lellis Masson & Cia. 1858.

No interior a maior parte da população contenta-se com os açúcares baixos, com a rapadura, com o melaço, com o próprio caldo de cana. Ao paladar grosseiro e mal-educado (e é a maior parte) o açúcar fino não merece a preferência, pelo contrário é rejeitado por uma circunstância até muito extravagante, alegada por essa classe de gente – porque o açúcar não adoça.

Brasil. 1902. Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa pelo Presidente do Estado do Rio de Janeiro General Quintino Bocayuva em 15 de julho de 1902. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comércio.



Taunay, Félix Émile (1843). Vista de uma Mata virgem que está se reduzindo a carvão





Se o Governo agarrasse um cento de fazendeiros dos mais ilustres e os trancasse nesta sala, com cem machados naquele canto e uma floresta virgem ali adiante, e se naquele quarto pusesse uma mesa com papel, pena e tinta, e lhes dissesse ou vocês pensam meia hora naquela folha de papel ou botam abaixo aquela mata, daí a cinco minutos cento e um machados pipocavam naquelas perobas.

LOBATO, Monteiro. Cidades mortas. São Paulo: Globo, 2007, p. 37

O trabalho da mata virgem faz-se do seguinte modo: consiste a primeira operação na roçagem que é, mediante força, deitar abaixo o mato mais fino. A segunda é a derrubada na qual a machado se acomete o arvoredor maior. Geralmente, se ataca uma árvore de cada vez; quando, porém, existem alguns agrupados, ligadas por cipós e assentes à borda de ladeiras, atacam-se as menores só por um lado, reservando-se todo o esforço para o pau maior, que está no centro e leva os outros todos na queda. Este pau maior chama-se matador, e esta derrubada coletiva chama-se fazer picaria. É a terceira operação tocar fogo no mato derrubado, quando seco e reduzi-lo a cinzas para que dê lugar à plantação. O mais fácil: limpar o solo de modo a livrá-lo do hervanço, cercar a roça e finalmente plantá-la. Tais eram pouco mais ou menos os trabalhos que faziam os primeiros habitantes do Brasil, que possuindo apenas grosseiros machados de pedra, tinham que procurar reforços no emprego do fogo; estes foram os que os primeiros colonos europeus, armados de ferramenta incomparavelmente superior, aprenderam e transmitiram a seus descendentes, que ainda os praticam.

ABREU, Capistrano de. Instruções para os imigrantes. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional, Seção Manuscritos, 1897

As matas são, com efeito, ricos mananciais onde a indústria vai buscar preciosas árvores que servem para a construção naval e civil, que produzem óleos medicinais, como o óleo de copaíba, resinas utilíssimas que se convertem em guta-percha e borracha, e onde o fazendeiro, seguindo um método razoável, pode extrair perpetuamente o combustível necessário para a sua fábrica. Nelas a medicina encontra espécies preciosas como a poaya, o páo pereira, a caroba e outras muitas, que vão tornando-se escassas com o sistema bárbaro de devastarmos as matas, muitas vezes sem uma razão plausível. Considerando as matas sob outros pontos de vista, repetiremos, com muitas boas autoridades nessa matéria, que elas influem na regularidade e na frequência das chuvas, na distribuição benéfica e moderada das águas das chuvas, e concorrem com a salubridade pública.

CARNEIRO DA SILVA, João José (Barão de Monte Cedro). Estudos agrícolas. Rio de Janeiro: Tip. Acadêmica, 1872, p. 24-25.

Ele sabia quase tão mal quanto nós, meninos de cidade, os nomes das árvores da mata grande do seu engenho. Entretanto eram suas conhecidas velhas desde o tempo de menino. Mas simples conhecidas de vista. Foi preciso que o caboclo nos fosse dizendo. Isto é um pé disso; isto é um pé daquilo; isto é um leite que serve para ferida brava; isto é um chá que serve para as febres.

FREIRE, Gilberto. Nordeste. São Paulo: Global, 2004, p. 93.

Acabado esse inventário, passou duas semanas a organizar a sua biblioteca agrícola e uma relação de instrumentos meteorológicos para auxiliar os trabalhos da lavoura. Encomendou livros nacionais, franceses, portugueses; comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros. Vieram estes e foram arrumados e colocados convenientemente. Anastácio assistia a todos esses preparativos com assombro. Para que tanta coisa, tanto livro, tanto vidro? Estaria o seu antigo patrão dando para farmacêutico? A dúvida do preto velho não durou muito. Estando certa vez Quaresma a ler o pluviômetro, Anastácio, ao lado, olhava-o espantado, como quem assiste a um passe de feitiçaria. O patrão notou o espanto do criado e disse: - Sabes o que estou fazendo, Anastácio? - Não “sinhô”. - Estou vendo se choveu muito. - Para que isso, patrão? A gente sabe logo “de olho” quando chove muito ou pouco... Isso de plantar é capinar, pôr a semente na terra, deixar crescer e apanhar.

BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Typ. "Revista dos Tribunaes", 1915.



Soja - Fazenda Ribeiro do Céu, Nova Mutum (MT) Folha de São Paulo, 06/10/2013

Gostaria de perguntar por onde é que
vocês estão indo?

Ailton Krenak, líder indígena